



**ESPÍRITOS NOTÁVEIS E AFEIÇÕES SINCERAS: A
CORRESPONDÊNCIA ENTRE NINON DE LENCLOS E
SAINT-ÉVREMOND NO SÉCULO XVII**

**REMARKABLE MINDS AND SINCERE AFFECTIONS:
NINON DE LENCLOS AND SAINT-ÉVREMOND'S
CORRESPONDENCE IN THE SEVENTEENTH CENTURY**

Kelly Appelt*

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

 <https://orcid.org/0000-0003-3441-7528>
kellyappelt@gmail.com

RESUMO: Apreciadas como vestígios de dois espíritos elevados, as cartas de Ninon de Lenclos e Saint-Évremond datam do final do século XVII e constituem testemunhos de uma ligação sincera. Constituindo fontes substanciais para a compreensão das sensibilidades, congregando emoções, sentimentos e afeições que os diferentes sexos podiam experimentar na época moderna, analisa-se o vínculo estabelecido ao longo de uma vida inteira, para depois tratar da aproximação de mulheres e homens na escrita, na reflexão e na defesa dos seus prazeres.

PALAVRAS-CHAVE: Ninon de Lenclos; Saint-Évremond; correspondência; afeições

ABSTRACT: Appreciated as traces of two elevated minds, the letters of Ninon de Lenclos and Saint-Évremond date from the late seventeenth century and stand as testimonies to a sincere bond. As substantial sources for understanding sensibilities, bringing together emotions, feelings, and affections that different sexes could experience in the early modern period, this analysis examines the bond established over the course of a lifetime, before turning to the rapprochement between women and men in writing, in reflection, and in the defense of their pleasures.

KEYWORDS: Ninon de Lenclos; Saint-Évremond; correspondance; affections

* Pós-Doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Cartas da velhice, cartas de amizade ou de filosofia constituem algumas das percepções que foram feitas sobre a correspondência entre a cortesã Ninon de Lenclos e o libertino Saint-Évremond, trocada no final do século XVII (LALLEMAND, 2000; LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2001; 2025, p. 153; GOLDSMITH, 2021).¹ O ato de corresponder-se durante a época moderna constituiu os rituais de manutenção de vínculos da cultura humanística e erudita, que envolvia a comunicação quase integral de sábios, homens interessados pelos debates sobre os Antigos, a escrita, a leitura, as discussões filosóficas e a veiculação de informações sobre diversos saberes. A chamada República das Letras tinha a capacidade de integrar eruditos de diferentes territórios em nome do cultivo do saber. Além disso, ela podia congrega uma rede interconectada de sábios que não apenas se conheciam em decorrência de suas atividades profissionais, mas também por seus interesses em comum e, sobretudo, pelos laços de reciprocidade e amizade que constituíam a ligação masculina no período.²

No século XVII, o entusiasmo com a escrita de missivas intensificou-se, principalmente quando a carta se consagrou como um gênero literário que viabilizou a emergência de diferentes coleções reunindo correspondências, muitas delas ficcionais. Mas o sucesso da forma epistolar não impediu o uso ordinário das cartas, ainda que sua prática fosse cada vez mais invadida pelas convenções (FREIDEL, 2009, p. 159). Mesmo que, no período, as cartas também estivessem participando de uma “estetização do social” (DAUMAS, 2011, p. 141), muito ligada aos preceitos dos manuais de civilidade, não se pode desconsiderar o fato de elas tocarem o íntimo dos agentes, como os sujeitos se relacionavam uns com os outros, revelando as sensibilidades e afeições humanas. Muitos estudiosos, inclusive, atentam para o fato de a escrita literária da época, tal como a teatral, focar na representação das relações humanas, invocando as suas emoções e os seus sentimentos (CALLE; ASSCHE, 2022; CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2020). Dessa forma, as epístolas podem ser compreendidas como fontes primordiais para o estudo das afeições que envolviam mulheres e homens durante a época moderna (DAUMAS, 1996, p. 98; 2013).

¹ No século XVIII, o interesse por Ninon de Lenclos era considerável, e seus biógrafos tentavam reunir suas cartas. O imaginário do século XIX também se mostrou fascinado pela dama, ver sobre isso, a reflexão de VERDIER, 1992. Do mesmo modo, a maioria dos textos de Saint-Évremond e outras obras foram impressas e investigadas. Conferir os trabalhos pioneiros de BRUIX; TURBEN, 1758; BRET, 1770; LENCLOS, 1968; DUCHÊNE, 2000; SAINT-ÉVREMOND, 1705; 1967, t. 1; 1968, t. 2.

² A amizade tinha o poder de unificar a República das Letras (FREIDEL, 2009, P. 153). Os trabalhos dedicados ao estudo da amizade na Época Moderna identificam os laços entre os homens como parte de uma homossociabilidade e uma relação amorosa, até mesmo, erótica (ROSSELINNI, 2010; DAUMAS, 2011; PRÉVOST, 2011).

A estima, a afinidade e a afeição remetam ao campo dos sentimentos e dos vínculos pessoais. As cartas de Ninon e Saint-Évremond testemunham os laços que eles conservaram um pelo outro, assim como suas meditações sobre a reciprocidade, o corpo, a velhice, o luto e os prazeres.³ Todos esses temas constituem a subjetividade humana e estão relacionados com o exercício de uma introspecção e reflexão filosófica, evocando vocábulos, como a ternura e a sinceridade, ou temas, como a amizade e os prazeres, que ressoam os sentimentos dos correspondentes (DAUMAS, 1996). Sendo assim, busca-se compreender como os sujeitos do passado poderiam evocar, em seus escritos, mais especificamente nas correspondências, as descrições dos seus laços, afeições, sentimentos e reflexões interiores.

Embora o número de cartas que sobreviveu às intempéries do tempo não seja volumoso – em comparação às epístolas de outros agentes da mesma época, como Madame de Sévigné, Mademoiselle de Scudéry, Pierre Gassendi e Guy Patin, por exemplo –, ao todo, 25 cartas restaram (13 da mão de Ninon e 12 de Saint-Évremond), representando uma comunicação que ocorreu no intervalo dos anos de 1669 e 1699. Apesar do hiato pelo qual a comunicação deles perpassou, eles voltam a se corresponder, com certa periodicidade, justamente quando estão afastados geograficamente, Ninon se encontrava em Paris e Saint-Évremond, em Londres. Contudo, a distância entre eles não impediu o desejo de estabelecer contato e expressar seus sentimentos por meio da escrita.

Um elemento ainda não explorado a partir desse *corpus* constitui, justamente, a temática das sensibilidades, que está inscrita nas palavras que os correspondentes utilizaram para compor suas cartas. Ao longo de um período de quase quarenta anos, eles escreveram, meditaram e sentiram em conjunto, narrando o que estavam passando, afastados pelo espaço, mas conectados pelas suas afeições e reflexões que sobreviviam à mente ao serem alguns dos poucos entre os seus pares que chegaram à velhice. Assim, verifica-se a potência da correspondência de Ninon e Saint-Évremond para investigar as sensibilidades na história dos agentes da Época Moderna.⁴

³ As cartas analisadas incluem a obra de Myriam Bernier (2025), que se baseia em edições prévias de Emile Colombey (LENCLOS, 1968) e René Ternois (SAINT-ÉVREMOND, 1967, t. 1; 1968, t. 2).

⁴ Historiadores pioneiros no estudo das sensibilidades, inspirando futuros trabalhos no campo, seriam Jean Delumeau (2003; 2009), Johan Huizinga (2010), Michel Vovelle (2010), Philippe Ariès (2014) e Robert Muchembled (1994; 2017).

LIGAÇÃO DE UMA VIDA INTEIRA

Apesar de as cartas compreenderem apenas o período final da vida de Ninon e Saint-Évremond, elas são repletas de referências ao período da juventude em Paris. Em 1640, o normando Charles Saint-Évremond passou a atuar como tenente da guarda do duque d'Enghien – conhecido como Grand Condé após a morte do pai, Henri II de Bourbon-Condé –, um homem poderoso com quem Ninon vivia uma relação amorosa na época. Em *Élégie à Mlle de Lenclos*, Saint-Évremond teceu elogios aos amores que a dama vivenciou com Condé, como se pode observar nos versos seguintes:

Esse jovem duque que ganhava batalhas,
Que fez cobrir de tantos funerais
Os célebres campos de Nördlingen e Rocroi;
Que encheu os inimigos de medo,
Cansado de fornecer matéria à história
Desejando por vezes aproveitar de sua glória,
De altivo e grandioso, tornado cortês e doce,
Esse mesmo duque ia cear em vossa casa [de Ninon].
Como um herói jamais repousa,
Depois da ceia, ele fazia outra coisa,
E, sem saber se soltava suspiros,
Sei ao menos que ele amava seus prazeres (SAINT-ÉVREMOND,
1709, p. 98-99).⁵

Ao celebrar os amores da juventude de Ninon, o sábio glorifica os prazeres da vida, as paixões estabelecidas pela jovem e o envolvimento com alguém tão ilustre. Devese lembrar que, após Henri de Lenclos, pai de Ninon, ter fugido por ser procurado pelo assassinato do companheiro de sua amante, a jovem e sua mãe, Marie Barbe de la Marche, ficaram para trás. Buscando sobreviver sozinhas, a matriarca incentivou a atuação da filha nas reuniões dos aristocratas e da alta burguesia para apresentar os seus encantos musicais – desde pequena, ela havia sido treinada pelo pai no saber musical, o que fez com que desenvolvesse uma aptidão notável para cantar, tocar alaúde e dançar. A formosura da menina logo foi notada, e ela passou a ser estimada como uma cortesã. Com cerca de vinte anos de idade, já possuía uma carreira estabelecida, concedendo seus encantos aos mais diversos homens da aristocracia parisiense. A necessidade financeira, certamente, contribuiu para que mãe e filha, duas mulheres, compreendessem a atuação

⁵ Tradução livre: “Ce jeune duc qui gaignoit des batailles, / qui fut couvrir de tant de funerailles / Les Champs fameux de Norlingue & Rocroy; / Qui fût remplir nos Ennemis d’effroy, / Las de fournir les sujets de l’Histoire, / Voulant jouir quelquefois de sa Gloire, / De fier & grand, rendu civil & doux, / Ce même duc alloit souper chez vous / Comme une heros jamais ne se repose, / Après souper il faisoit autre chose; / Et sans savoir s’il pousoit des soupirs, / Je sais au moins qu’il aimoit ses plaisirs”.

de Ninon como cortesã como uma opção de sustento e autonomia (PÖLLÄ, 2017, p. 70).

Alguns pesquisadores também atentaram para o fato de que a ligação da cortesã com Saint-Évremond era muito mais anterior do que se pensava, já que a mãe do sábio tinha parentesco com a condessa de Fieschi, que era a madrinha do irmão mais novo de Ninon, Henri de Lenclos, falecido ainda em tenra idade (VERGÉ-FRANCESCHI, 2014, p. 31). Ou seja, as crianças constituíam a mesma rede de pessoas e, possivelmente, sabiam da existência uma da outra, embora a aproximação entre elas tenha ocorrido apenas na fase adulta (BERNIER, 2025, p. 156).

As afinidades entre Ninon e Saint-Évremond também não estavam distantes no âmbito das suas ideias e visões de mundo compartilhadas. O sábio, considerado um libertino, possuía ressalvas quanto aos preceitos religiosos e acolheu amigos protestantes no seu período de exílio em Londres. Ele também compartilhava uma perspectiva semelhante à de libertinos como Chapelle, François Bernier, Pierre Gassendi, La Fontaine, Molière, Scarron, Boisrobert, La Rochefoucauld, que refletiam em seus textos sobre a importância de os agentes buscarem o conhecimento, a experiência do prazer e da reflexão própria para se viver bem a vida. Ser um libertino naquele período compreendia os indivíduos que, além de buscarem a autonomia de corpo e mente, teciam questionamentos e críticas dirigidas às normas e aos dogmas da sociedade em que viviam. Muitos libertinos ganharam espaços em círculos aristocráticos e próximos de poderosas personalidades da corte, como Richelieu, Condé e Gaston d'Orleans, ao receberem apoio e proteção para realizarem suas atividades profissionais.⁶ Gabriel Naudé, por exemplo, atuou como bibliotecário de Mazarin e François La Mothe Le Vayer foi preceptor ligado a Richelieu. Ambos possuíam suas críticas ao poder, às religiões e às temáticas mais sensíveis do período.

A compatibilidade entre os amigos perpassava a proximidade com os mesmos indivíduos e núcleos, e eles acumulavam opiniões semelhantes até mesmo em suas leituras de antigos, como Epicuro, Luciano, Sêneca, e de modernos, como Montaigne. Ao longo de sua atuação como cortesã, com amantes poderosos, Ninon também teve contato com os libertinos e diversos escritores. Como uma mulher espirituosa, ela se mostrou interessada não somente pela conversa, escrita e discussões do meio frequentado, mas também pelas leituras pelas quais os libertinos se interessavam.

⁶ Os libertinos poderiam recorrer à essa reputação para construir suas posições e ligações com o poder (RIBARD; SCHAPIRA, 2007).

Segundo Tallemant des Réaux (1961, t. 2, p. 441), Ninon era uma mulher questionadora desde jovem, mostrando-se interessada pela leitura e pelo desejo de autonomia, ao escolher os amantes com quem se relacionaria e o tempo de duração dos seus amores. O conhecimento buscado por ela também era fomentado a partir de sua participação nos espaços de discussão e reflexão do período, como os salões literários, elevando as suas percepções sobre o mundo vivido e o desenvolvimento de sua escrita.⁷

Deve-se atentar para o fato de que as mulheres tiveram uma atuação relevante durante o século XVII na organização de salões literários e no envolvimento nas atividades do mundo das letras (DUGGAN, 2005, p. 42). A escrita foi um espaço cada vez mais reivindicado por elas, por isso, dedicaram-se à redação de seus textos e ao desenvolvimento de suas ideias, de seus gostos e das discussões filosóficas sobre as quais desejavam ler e refletir nos espaços letrados. Somado a isso, a ação feminina e o seu envolvimento com o saber favoreceram o estreitamento das relações entre homens e mulheres nos ambientes de sociabilidade, um convívio que também conjugava interesses comuns e afinidades.

Ao rememorar a alegria de viver que emanava de Ninon, Saint-Évremond reiterou a figura prazerosa que ela sempre representou para ele desde que eram jovens. Em um trecho de uma das cartas endereçadas à dama, o sábio anuncia a lembrança das belas qualidades dela: “eu a tenho, em plena vida como você é, a mais feliz criatura que jamais foi. Você amou as mais honestas pessoas do mundo, e havia amado tanto tempo que nada deixou de experimentar dos prazeres” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 158).⁸ Para o sábio, a vivacidade de espírito de Ninon constituía uma lembrança agradável do seu passado. Tanto é que ele dedicou à Mademoiselle de Lenclos versos nostálgicos sobre os anos da regência de Anne d’Autriche:

Móveis, trajes, refeições, danças, músicas;
Un ar afável com asseio;
Nada de contido, nem liberdade em excesso;
Poucas pessoas vaidosas, quase todos magníficos!
Não ter em casa senão a comodidade
Fazia então os pesares domésticos

⁷ Os salões literários no século XVII constituíam um lugar de sociabilidade mundana, veiculação de textos literários e, também, um espaço oportuno para os anseios de reputação dos profissionais e amadores das letras (SCHAPIRA, 2003, p. 243).

⁸ Tradução livre: “je vous tiens, en pleine vie comme vous êtes, la plus heureuse créature qui fut jamais. Vous avez été aimée des plus honnêtes gens du monde, et avez aimé autant de temps qu’il fallait pour ne rien laisser à goûter dans les plaisirs”.

Que noutros tempos faz a necessidade (SAINT-ÉVREMOND, 1753, p. 255, t. 3).⁹

As lembranças das ações do passado constituíam temas recorrentes na escrita epistolar de Saint-Évremond, o que poderia ser explicado pela nostalgia que ele sentia por uma época de vitalidade, a qual ele não poderia mais vivenciar, apenas rememorar. Ao escrever suas cartas, o sábio reconhecia a sua velhice e, ao reencontrar uma amiga antiga, mesmo que estivessem geograficamente distantes, era possível acessar a memória dos belos momentos vividos na juventude. Talvez tenha sido nesse sentido a declaração que ele fez no trecho que diz: “tudo contribui para me fazer lastimar o tempo feliz que passei em vossa companhia e a desejar inutilmente ver-vos novamente” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 180).¹⁰ A expressividade de Saint-Évremond, um tanto melancólica, advém da sensação de nostalgia sentida ao se lembrar de um momento da sua vida em que se considerava feliz, vivaz e jovem. Um passado que se contrapõe ao seu estado de introspecção, recolhimento e meditação presentes na maturidade, que constituíam as experiências próprias de uma vida retirada, decorrente de sua idade avançada.

Deve-se lembrar que Saint-Évremond deixou a França em 1661, abandonando tudo o que tinha em Paris depois de a *Lettre au marquis de Créquy sur la paix des Pyrénées* ser descoberta, um texto marcado pelas críticas dirigidas a Mazarin e à sua política. O panfleto estava no pequeno cofre da marquesa Mme du Plessis-Bellière, que tinha uma ligação com o marechal de Créquy, destinatário da carta. O texto foi descoberto justamente após a ruína política de Fouquet e de seu círculo, que incluía a marquesa. Ao ser procurado, o sábio se escondeu, partiu para a Holanda e, depois, exilou-se em Londres. Apesar do seu exílio, ele continuou se comunicando com seus pares por meio de cartas e elaborando outros textos (ROUSSILLON, 2018, p. 1).

Ninon, provavelmente, ajudou o amigo, pois Gourville, um dos seus amantes, foi, coincidentemente, quem se encontrou com Saint-Évremond, avisando que ele estava sendo procurado (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 157). Em algumas de suas cartas, inclusive, Ninon e Saint-Évremond discorrem sobre uma quantia em dinheiro

⁹ Tradução livre: “Meubles, habits, repas, danses, musiques; / Un air facile avec la propreté; / Rien de contraînt, pas trop de liberté; / Peu de gens vains, presque tous magnifiques; / N’avoir chez soi que la commodité, / Faisoit alors les chagrins domestiques / Qu’aux autres tempos fait la nécessité”.

¹⁰ Tradução livre: “Tout contribue à me faire regretter le temps heureux que j’ai passé dans votre commerce, et à désirer inutilement de vous voir encore”.

que ela teria emprestado ao amigo, e ele tentava recompensá-la.¹¹ Apesar disso, eles passaram alguns anos sem se comunicar – pelo menos oito anos, já que não foram encontradas cartas anteriores ao ano de 1669, data da primeira enviada –, pois Saint-Évremond teve que fugir. Em Londres, o sábio foi recebido na corte de Charles II e, após a morte do monarca, em 1685, Guillaume d'Orange optou por manter a pensão que ele recebia. Na corte estrangeira, ele encontrou, na figura de Hortense Mancini, a duquesa Mazarin, um apoio e uma rede de sociabilidade. Ela era uma mulher de espírito livre, indagadora, que logo se tornou uma grande amiga. A duquesa foi citada na correspondência entre Ninon e o sábio e era considerada extremamente espirituosa e agradável.

Ao escrever sobre o tempo que conviveu com Ninon, Saint-Évremond talvez buscasse (re)visitar o passado, tentando reencontrar o vigor daquela juventude perdida. O exercício de voltar ao passado para retornar ao presente contribuía para o seu contentamento (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 160),¹² principalmente após o infortúnio vivenciado e seu exílio. Apesar de o sábio voltar a se corresponder com seus colegas franceses e rememorar seus bons momentos em Paris, ele nunca mais voltou para lá, mesmo tendo adquirido o direito de retornar ao país em 1689. Sendo assim, a escrita nostálgica de suas cartas também fortalecia o laço que o ligava a Ninon e a tudo o que ele tinha vivido de belo no passado.

O sábio também reconhece o aperfeiçoamento do espírito de Ninon, que se elevou com o passar dos anos. Nas seguintes palavras, Saint-Évremond expressou seu reconhecimento à amiga: “Você é mais espiritual do que era a jovem e vivaz Ninon” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 171).¹³ A capacidade comunicativa, espirituosa, amigável e afetuosa reivindicada na escrita de Ninon tornava a comunicação estabelecida entre eles uma experiência prazerosa, que viabilizava a conexão, o estreitamento dos seus laços e a afirmação de si mesmos. A comunicação, já numa fase madura, reconectava os correspondentes, pois ela oferecia validação, reconhecimento e afirmação de suas imagens como indivíduos relevantes (DAUMAS, 2012), espirituosos e representantes dos bons tempos. Os momentos que passaram juntos viabilizavam, também, o compartilhando da afeição que sentiam um pelo outro, tornando-se a oportunidade ideal de expressá-la da forma mais sincera possível. Eles reconhecem que

¹¹ Segundo Prévost (2011, p. 149-154), o auxílio financeiro constituía uma das provas da amizade.

¹² A frase utilizada na carta seria precisamente: “vous retournez en arrière”.

¹³ Tradução livre: “Vous êtes plus spirituelle que n’était la jeune et vive Ninon”.

estavam vivendo a fase da velhice, então não haveria muito tempo para que pudessem expressar os seus sentimentos e reconhecer a boa companhia do outro, mesmo que à distância. Por isso, Saint-Évremond enaltecia a confiança que Ninon sempre depositou nele, conforme o trecho que ele declara para a dama:

Misturais mesmo as virtudes a todos os vossos encantos, e no momento em que um amante vos confessa sua paixão, um amigo pode confiar-vos seu segredo; vossa palavra é a garantia mais segura sobre a qual se possa repousar, e quando fazeis esperar com pistolas sobre direitos senhoriais, pode-se contar com elas como se já houvessem sido recebidas (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2015, p. 158-159).¹⁴

O belo trecho traduz o sentimento de confiabilidade e reciprocidade que existia naquela relação. Por isso, Ninon declarava sentir-se tocada pelas palavras do amigo, recebendo com apreço as correspondências do sábio. Ela comunicou que as cartas que recebia dele a motivavam a manter-se perseverante: “Sua carta foi recebida como ela merece, e a triste figura [forma como Saint-Évremond assinou algumas de suas cartas] não diminuiu o mérito dos seus sentimentos. Sou tocada pela sua força e perseverança” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 176).¹⁵ As correspondências dessas duas figuras representam, então, uma meditação importante sobre a vida, sobre como a juventude poderia ser percebida como um belo momento que deveria ser rememorado na velhice para reverberar os prazeres e contentamentos vividos no presente em que se encontravam. As mensagens contidas em suas cartas podiam apaziguar a melancolia derivada da nostalgia, das dores corporais e das perdas que eles enfrentavam na velhice.

Embora a vida de Ninon e Saint-Évremond possa ter mudando ao longo do tempo, eles ainda se reencontravam em suas ideias, afinidades e lembranças. Dessa forma, qual a melhor maneira de selar uma relação recíproca e duradoura como a deles, se não declarando e expressando suas afeições um pelo outro? O libertino desejava, pois, que a amizade deles perdurasse assim como aquela relação, que não havia sido alterada com o passar dos anos: “Continuai a dedicar-me vossa amizade que jamais foi alterada; o que é raro num convívio tão longo quanto o nosso” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND,

¹⁴ Tradução livre: “Vous mêlez même les vertus à tous vos charmes, et au moment qu’un amant vous découvre sa passion, un ami peut vous confier son secret ; votre parole est la convention la plus sûre sur laquelle on puisse se reposer, et quand vous avez fait espérer cent pistoles sur des droits seigneuriaux, on y peut compter comme si elles étaient déjà reçues”.

¹⁵ Tradução livre: “Votre lettre a été reçue comme elle le mérite, et la triste figure n’a point diminué le mérite des sentiments. Je suis touchée de leur force et de leur persévérance : conservez-les à la honte de ceux qui se mêlent d’en juger”.

2025, p. 197).¹⁶ Uma amizade demanda partilha, troca de ideias e, claro, de afetos (AGASSE, 2014, p. 34-35). Tudo isso acontece a partir da conversa, um diálogo à distância, mas que faz com que cada um dos envolvidos validem seus sentimentos e meditações, conectando-se pelo compartilhamento de reflexões similares sobre a vida e suas leituras. A reflexão sobre a filosofia epicurista e outras leituras, o não medo da morte, a busca pelos prazeres corporais, de espírito e de autonomia constituem os principais temas tratados por Ninon e Saint-Évremond, exibindo uma aproximação combinada de suas escritas e seus sentimentos.

ESCREVER JUNTO, SENTIR JUNTO

Ao investigar as relações de amizade entre os sexos na Época Moderna, Elizabeth C. Goldsmith (2021) identificou uma aproximação entre homens e mulheres e a emergência da chamada equidade. Um caso exemplar analisado pela autora foi a relação que Saint-Évremond construiu com a duquesa Mazarin ao longo de seu exílio em Londres e, à distância, com Ninon. Uma aliança exemplar do quanto homens e mulheres tinham afinidades pessoais e poderiam reconhecer a sagacidade e os talentos espirituais um do outro. As cartas trocadas entre tais personalidades também oferecem uma oportunidade de visualizar a aproximação que poderia ser estabelecida entre os sexos durante o século XVII e como ela poderia ser baseada na respeitabilidade e na reciprocidade.

Ao investigar o tema da amizade, Maurice Daumas (2011, p. 218) questiona-se sobre a amizade entre homens e mulheres no período moderno, se essa relação poderia efetivamente acontecer, já que ser amigo de alguém constituía um reconhecimento que ocorria entre pares iguais, ou seja, outro homem. A amizade foi compreendida pelos filósofos da Antiguidade como uma associação preciosa estabelecida entre dois seres iguais, isto é, dois homens, já que eles se reconheciam assim, diferenciando-se da mulher, que deveria ser alguém passível da tutela masculina, tal como as crianças. Essa perspectiva manteve-se vigorosa durante muito tempo, mas parece ter tomado contornos diferentes ao longo do século XVII, a partir do momento em que as mulheres ocuparam os espaços de discussão, leitura e diálogo.

¹⁶ Tradução livre: “Continuez-moi votre amitié, qui n’a jamais été altérée, ce qui est rare dans un aussi long commerce que le nôtre”.

Apesar de as sociabilidades mistas não serem tão incentivadas na época (AYMARD, 2009) e da amizade constituir-se em um traço forte da aliança entre os machos, não se pode desconsiderar a possibilidade de aproximação e florescimento da amizade entre os sexos, pois é justamente no âmbito dominado pela presença e ação dos homens, o mundo das letras, que as mulheres passam a integrar, cada vez mais, as discussões sobre filosofia, literatura, educação, antes restringidas às instituições oficiais, como as universidades, espaços frequentados por homens. A emergência de mulheres escritoras, viabilizada pela alfabetização crescente e pela proliferação de impressos diversos (CHARTIER, 2004), ocorreu de forma concomitante às reflexões sobre a temática da amizade, que constitui um tema de interesse comum tanto pela pena masculina como pela feminina.¹⁷ A cultura erudita, predominantemente masculina, atuante nas universidades e academias, observou o florescimento dos salões literários, que acomodavam a presença de homens e mulheres. Nas reuniões mistas e nos diferentes grupos que se formaram com a presença feminina no século XVII, muitos homens descobriram que a mulher não era tão diferente assim deles e poderia, até mesmo, tornar-se uma parceira, receber ensinamentos, participar das conversas e colaborar com a criação e escrita de textos (GRANDE, 1999, p. 226-227).

Embora as mulheres participantes dos salões nem sempre pudessem publicar seus textos com os seus nomes estampados nas capas dos livros, elas tiveram uma atuação importante na prática da conversação e elaboração de escritos, como contos, romances, memórias, cartas, traduções e demais atividades ligadas às letras, a partir da experiência nesses espaços de sociabilidade (GRANDE, 2024). A escrita epistolar, por exemplo, concentrou um dos interesses femininos, de outros profissionais das letras e de amadores do período. A corrente humanista incentivou uma renovação excepcional do interesse pela redação de correspondências, pois a amizade e as relações pessoais eram compreendidas como os meios de unificação da República das Letras (FREIDEL, 2009, p. 153).¹⁸ Ao longo dos séculos XVI e XVII, as cartas constituíram um meio de comunicação essencial para os eruditos e amantes das letras, conectando-os uns aos outros. Especificamente no século XVII, durante a intensificação do chamado processo civilizador (ELIAS, 1993; MUCHEMBLED, 2012), os manuais de civilidade se

¹⁷ Diversas obras publicadas ao longo do século XVII trataram da amizade, principalmente, os escritores libertinos, como La Mothe La Vayer (1644), Saint-Évremond (1865, t. 1, t. 2), Samuel Sorbière (1660). A partir da pena feminina, um exemplo constitui a obra *Clélie* de Madeleine de Scudéry (1654), que inclui a *Carte du Tendre*, gravura preparada por François Chauveau, que descreve os caminhos da amizade.

¹⁸ Sobre a República das Letras, conferir Burke, 2011.

multiplicaram e muitos deles orientavam práticas epistolares em direção à arte da variação, em torno de lugares-comuns que respeitassem as conveniências – como o emprego de uma eloquência solene para consolar, endereçar cumprimentos em circunstâncias familiares e um emaranhado de fórmulas de civilidade, reivindicando a polidez e o emprego de uma estilística de escrita eloquente (FREIDEL, 2009, p. 160).

De acordo com Roger Duchêne (1970, p. 22), diversas cartas foram escritas no século XVII em razão do progresso da sociabilidade e da conduta social exigida pela época. Por isso, era conveniente que pessoas que frequentavam os mesmos espaços mantivessem contato, inclusive no caso de distanciamento. Assim, o ato de escrever ligava-se a uma atitude de cortês e polida. Mas as correspondências são comumente lidas pelos olhos leigos como espaços que retêm confissões, refúgios íntimos dos sentimentos humanos. Essa visão, como aponta Nathalie Freidel (2009), não necessariamente pode ser aplicada a experiência epistolar do século XVII, já que a concepção de correspondência privada não constituía um aspecto evidente para os agentes daquele período. Assim como as emoções e os sentimentos podem ser transformados conforme o seu contexto, o que constitui um espaço privado ou público perpassa o mesmo processo de mudança ao longo do tempo e do contexto analisado. Mais precisamente, a pesquisadora atenta para o fato de que as cartas familiares do período eram portadoras de uma ambiguidade, sendo compreendidas como espaços semipúblicos e semiprivados, já que seguiam os padrões de conveniência da época e estavam incluídas em um ritual social de polidez e galanteria em desenvolvimento, ao mesmo tempo que as epístolas revelam descrições e referências de um clima de relativa intimidade, integrando um público com limites irregulares, com uma difusão entre familiares e amigos, além de não seguirem o modelo manifesto do impresso, de ampla disseminação e revelação (FREIDEL, 2009, p. 167).

Muitos homens tomaram conhecimento do espírito e da genialidade das mulheres através do contato com as suas cartas. Antes de publicarem, diversas mulheres treinavam e desenvolviam suas habilidades de escrita por meio do exercício epistolar e adquiriam conhecimento através da troca de ideias e desse meio de comunicação (FREIDEL, 2022, p. 247). Saint-Évremond, por exemplo, não economizou elogios ao reconhecer como as cartas de Ninon expressavam uma maturidade de espírito, indicando o seu desenvolvimento ao longo do tempo. Para ele, o espírito dela se aperfeiçoou, conforme o trecho em que declara sua evolução, ao escrever: “Você está mais espiritual

do que era a jovem e vivaz Ninon” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 170).¹⁹ Dessa forma, a correspondência estabelecida entre eles, que discorria sobre diversos temas, como a filosofia de Epicuro, a citação do trecho de obras de seus amigos e questões existenciais, descortina uma convivência aproximada entre homens e mulheres, que não apenas escreviam em conjunto, mas também sentiam e revelavam suas afeições.

Um dos amigos de Saint-Évremond e, depois, seu biógrafo, Pierre Des Maizeaux, reconheceu também a afeição que seu camarada nutria por Ninon. Ao ficar responsável pela publicação das obras do falecido, um dos aspectos notáveis sobre o amigo consistia na estima pela Mademoiselle de l'Enclos, justamente por ela ser reconhecida como uma mulher virtuosa de espírito:

S. de St. Evremond não tinha uma inclinação extraordinária pelo belo sexo, mas ele não deixava de amar ternamente algumas damas de um mérito distinto; e essa amizade durou tanto quanto ele viveu. Vocês veem bem, Senhor, que eu tenho em vista particularmente Mademoiselle de l'Enclos. O elogio que M. de St. Evremond fez em suas obras, você a conhecerá melhor do que eu poderia escrever. Eu diria somente, que a vemos sempre como um modelo de polidez, que ela tinha um espírito cultivado pela leitura de bons livros, que ela se distinguia por uma amizade constante e inviolável; e que enfim sua casa sempre teve encontros de todos aqueles mais galantes e espirituais na corte (DES MAIZEAUX, 1709, p. xxii).²⁰

O relato evidencia tanto a afeição que Saint-Évremond sempre nutriu por Ninon quanto o reconhecimento dela como uma mulher cultivada, uma amiga constante, sendo considerada importante mesmo depois de atingir uma idade longa. Segundo Muchembled (2017, p. 175), somente a jovem menina dos sonhos dos poetas escaparia temporariamente da visão desvalorizante sobre a mulher que foi difundida ao longo da Época Moderna, porque ela simbolizava a vida. A idade conduziria as mulheres ao desastre, à infertilidade, por isso a cultura barroca e trágica tanto assimilou a mulher de idade à morte. Tais percepções, para o historiador, eram reveladoras de uma imensa angústia masculina, produzida pelo medo de verem as matriarcas tentarem confiscar o poder que foi delegado aos homens. Em outro momento, René Ternois (1960, p. 173-

¹⁹ Tradução livre: “Vous êtes plus spirituelle que n’était la jeune et vive Ninon”.

²⁰ Tradução livre: “M. de St. Evremond n’avait pas un penchant extraordinaire pour le beau Sexe; mais il ne laissa pas d’aimer tendrement quelques Dames d’un Merite distingué; & cette Amitié a duré tant qu’il a vécu. Vous voyez bien, Monsieur, que j’ai particulièrement en vû Mademoiselle de l’Enclos. L’Eloge que M. de St. Evremond en fait dans ses Ouvrages, vous la fera mieux connoître que tout ce que je pourrois vous écrire. Je dirai seulement, qu’on l’a toujours regardée comme un Modèle de Politesse; qu’elle avoit cultivé son Esprit par la lecture des bons Livres; qu’elle se distinguoit par une Amitié constante & inviolable ; & qu’enfin sa Maison a toujours été le Rendez-vous de tout ce qu’il y avoit de plus galant & de plus spirituel à la Cour”.

174), ao editar as peças do libertino, também destacou a afetividade que existiu entre eles, pois, mesmo depois de terem vivido distantes, Saint-Évremond continuou visualizando Ninon como ele a havia conhecido, mas, aos poucos, conforme trocavam missivas, ele compreendeu a qualidade das reflexões e da afeições inscritas nas cartas da correspondente, e assim suas correspondências reluzem uma antiga amizade revigorada por sentimentos e gostos comuns (SAINT-ÉVREMOND, 1968, p. 237).

A ligação entre eles também pode ser compreendida a partir do emprego de vocábulos como “ternura”, “ternamente” ou “sincero”, que podem ser detectados em trechos de suas cartas. Em 1693, por exemplo, Ninon citou “a beleza e a ternura desejável dos verdadeiros amigos”, já em 1687, ela transmitiu os cumprimentos de Monsieur Charleval a Saint-Évremond e empregou o termo “ternamente”, e, no fim de 1697, declarou sua afeição pelo amigo: “eu o amo sempre mais ternamente”. O libertino, de sua parte, validava a afeição de Ninon e reconhecia sua sinceridade, conforme o seguinte trecho: “Em vossos amores, julgavam-vos leviana, / Na amizade, sempre segura e sincera” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025).²¹ Sendo assim, o diálogo estabelecido entre eles pode ser compreendido como expressão de uma sensibilidade afetiva e nostálgica, construindo um e outro, fazendo-os vibrar por meio da circulação de sensações, palavras e gestos (CHAUBAUD; DEFIOLE; VALETOPOULOS, 2021, p. 9).

O vocabulário da “ternura”, *tendresse* em francês, constituiu uma característica comumente atrelada à pena das mulheres. Entre os anos 1630 e 1650, a palavra podia significar algo tenro, mas, no fim do século, tornou-se equivalente ao amor: “A delicadeza do século confinou essa palavra no amor e da amizade” (FURETIÈRE, 1690, citado por VIGARELLO, 2016, p. 453).²² O termo floresceu a partir das produções escritas das mulheres e da introdução de novos temas no âmbito da literatura, como a amizade, o amor, o carinho, a dor e o prazer. A ideia de afeição passou a ser relacionada à palavra, o que explica sua aparição e recorrência nas correspondências da segunda metade do século XVII, evidenciando a extensão do poder de atuação das mulheres, escrevendo, lendo, veiculando e apresentando suas ideias aos homens (DAUMAS, 1996).²³

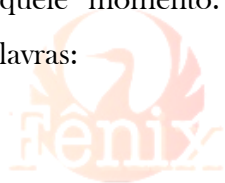
²¹ Tradução livre: “(...) la bonté et la tendresse désirables dans les véritables amis”, “Dans vos amours on vous trouvait légère, / En amitié toujours sûre et sincère”.

²² Tradução livre: “La délicatesse du siècle a renfermé ce mot dans l’amour et dans l’amitié”.

²³ Joan Dejean (1991), inclusive, possui uma obra dedicada ao estudo da ternura.

Um outro lugar-comum identificado nas cartas de Ninon e Saint-Évremond constitui as condolências prestadas diante da morte de um de seus entes queridos. Na epístola em que Ninon comunicou o falecimento de Charleval, em março de 1693, ela esboça seu sentimento de inquietude diante do acontecimento, conforme o trecho: “Senhor de Charleval acaba de morrer; e estou tão afligida com isso que procuro consolar-me pela parte que sei que tomareis nisso”. A partida do querido amigo tratava-se de uma perda forte, quase como se ela estivesse perdendo uma parte de si mesma, segundo o trecho em que ela disse: “uma semelhante perda é mais do que a própria morte” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 182-183).²⁴ A informação cedida a Saint-Évremond buscava apoio e validação da dor pela qual estava passando, pois ambos conheciam o falecido e compartilhariam da mesma comoção e do mesmo luto.

Em outra carta, datada de julho de 1699, Ninon consola Saint-Évremond após a morte da duquesa Mazarin, a quem o sábio tanto admirava, conforme as cartas em que ele declarou seu afeto. Da sua parte, Ninon oferece apoio e presta suas condolências ao amigo, buscando reconfortá-lo diante da perda de uma pessoa tão importante para ele naquele momento. De forma empática, ela mostrou-se sensibilizada nas seguintes palavras:



www.revistafenix.pro.br

Lastimo sensivelmente por vós: acabais de perder uma companhia amável, que vos amparou em um país estrangeiro. O que se pode fazer para reparar tal infortúnio? Aqueles que vivem muito tempo estão sujeitos a ver morrer os seus amigos. (...) Senti essa morte como se tivesse tido a honra de conhecer Madame Mazarin. Ela sonhou comigo em meus males, fui tocada por essa bondade, e o que ela era para vós me havia afeiçoado a ela. Não há mais remédio, nem o há para o que sucede a nossos pobres corpos. Conservai o vosso. Vossos amigos estimam ver-vos tão são e tão sábio; porque tenho por sábios aqueles que sabem fazer-se felizes (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 198-199).²⁵

A partir do trecho pode-se identificar uma consonância entre eles, até mesmo em relação ao luto que estavam vivendo. Além disso, o reconhecimento da velhice de

²⁴ Tradução livre: “Monsieur de Charleval vient de mourir; et j’en suis si affligée, que je cherche à me consoler par la part que je sais que vous y prendrez” e “c’est plus que de mourir soi-même, qu’une pareille perte”.

²⁵ Tradução livre: “Je vous plains sensiblement : vous venez de perdre un commerce aimable, qui vous a soutenu dans un pays étranger. Que peut-on faire pour remplacer un tel malheur ? Ceux qui vivent longtemps sont sujets à voir mourir leurs amis. (...) J’ai senti cette mort comme si j’avais eu l’honneur de connaître Madame Mazarin. Elle a songé à moi dans mes maux ; j’ai été touchée de cette bonté et ce qu’elle était pour vous m’avait attachée à elle. Il n’y a plus de remède, et il n’y en a nul à ce qui arrive à nos pauvres corps. Conservez le vôtre. Vos amis aiment à vous voir si sain et si sage : car je tiens pour sages ceux qui savent se rendre heureux.”

ambos foi representado por Ninon como algo irreversível, tal como a morte, mas que deveria ser enfrentado ao buscar a felicidade em vida. O que poderia servir de consolo era o enfrentamento da realidade, o reconhecimento da finitude da vida, do corpo humano e de suas sensações. A perspectiva fundamentalmente pragmática de Mademoiselle Lenclos também era pouco piedosa, o que combina muito bem com a última frase que compõe a carta, em que disse: “Se pudéssemos pensar como Madame de Chevreuse, que, ao morrer, acreditava que ela iria entreter-se com todos os seus amigos no outro mundo, seria doce pensá-lo” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 200).²⁶ A partir disso, Ninon indicava a perspectiva de que não valeria a pena idealizar uma vida após a morte, ainda que pudesse ser um pensamento agradável e reconfortante para o ser humano, ele não era suficiente para acalmá-la, por isso, era mais valioso aceitar a própria finitude, vivenciar suas sensações e relembrar as alegrias e prazeres da vida.

DEVE-SE BUSCAR O PRAZER ACIMA DE TUDO

O prazer não poderia ser considerado o verdadeiro fim das ações humanas? De acordo com Saint-Évremond, ele constituía, assim como a felicidade, dois objetivos importantes para os seres, pois, na sua concepção o ser humano sempre vivenciava sua vida em função de abrandar as dores da sua existência, o que evidencia uma clara inspiração na filosofia epicurista. Em uma das cartas enviadas para Ninon, certamente uma das mais emblemáticas, intitulada “Sobre a moral de Epicuro, à moderna Léontium”,²⁷ ele discorre sobre a “doutrina de Epicuro”, e apresenta uma espécie de “arte de bem viver”, que chegou a ser um dos temas explorados pelo livro de Claude Le Roy (2013), já que Saint-Évremond compreendia que uma vida boa seria aquela em que as dores são subtraídas. A reflexão filosófica apresentada na carta não visava apenas indicar uma concordância com a doutrina do antigo filósofo, como também pode ser compreendida como um compartilhamento espiritual que o sábio buscou tecer com Ninon, convidando-a para sua reflexão e validando sua capacidade intelectual para dialogar sobre temas filosóficos e existenciais.

Convém lembrar que a “moderna Léontium” refere-se a Ninon, inspirada no nome de uma das discípulas de Epicuro, que posteriormente também fundou sua própria

²⁶ Tradução livre: “Si l'on pouvait penser comme Madame de Chevreuse, qui croyait en mourant qu'elle allait causer avec tous ses amis en l'autre monde, il serait doux de le penser”.

²⁷ Tradução livre: “Sur la morale d'Épicure, à la moderne Léontium”. Uma carta que pode ter sido enviada, aproximadamente no ano de 1684 (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 164).

escola filosófica. Em *De vita et moribus Epicuri*, Gassendi (1647) identificou a recepção de mulheres no grupo do antigo filósofo como uma indicação da sua não objeção em acolhê-las em sua doutrina e estabelecer um diálogo. Na carta de Saint-Évremond, ele indica que Epicuro passava boa parte do seu tempo filosofando com Léontium e Thémista, divertindo-se a partir dos seus filosofemas, algo que seria esperado a partir dessa conversação (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 167, p. 169).

Jean-Charles Darmon (1998) identificou o caráter instrutivo da filosofia de Saint-Évremond, muito ancorada nas reflexões sobre as obras de Epicuro, que estavam sendo debatidas naquele contexto. Gassendi, por exemplo, foi um dos primeiros sábios que buscou reabilitar as ideias do filósofo antigo durante o século XVII, evidenciando a relevância meditativa de sua doutrina para afastar as dores da vida, na busca pela satisfação, meditação e contemplação da natureza. Além disso, o filósofo também indicava não haver necessidade de os humanos temerem a morte e a condenação dos céus, que poderia ser emitida pelos deuses. Por isso, muitos libertinos se inspiraram na filosofia de Epicuro para tecer suas reflexões e críticas sobre os dogmas religiosos. François Bernier (1671) foi aprendiz de Gassendi e se dedicou a dar continuidade à divulgação e meditação sobre a filosofia epicurista, tanto que ambos os eruditos são referenciados na carta que Saint-Évremond escreveu para Ninon.

Nas *Cartas & máximas principais* de Epicuro (2020), encontra-se a perspectiva de que seria muito mais importante para o ser humano desfrutar do presente do que manter-se amedrontado com a ideia de sua finitude, pois a morte não significava nada mais do que a privação da sensação. A impiedade dos deuses e o desconhecimento sobre o que aconteceria com a mente e o corpo humano após a morte poderiam causar ansiedades avassaladoras aos agentes. Por isso, ao estarem vivenciando a velhice, Ninon e Saint-Évremond encontraram na filosofia de Epicuro um refúgio para ampará-los diante das perdas pelas quais passavam e, também, das mudanças que os seus corpos enfrentavam ao atingirem uma idade madura.²⁸

²⁸ Em um trecho da carta, vale destacar a concordância de Saint-Évremond com os epicuristas: “(...) a dos epicuristas, um voluptuoso imóvel: o primeiro está nas dores, sem dores; o segundo saboreia uma voluptuosidade sem voluptuosidade. Que motivo teria um filósofo, que não acreditava na imortalidade da alma, para mortificar os seus sentidos? Por que estabelecer o divórcio entre duas partes compostas da mesma matéria, que deveriam encontrar sua vantagem na concordância e união de seus prazeres? Perdoo aos nossos religiosos a triste singularidade de não comerem senão ervas, tendo em vista adquirir por esse meio uma felicidade eterna; mas que um filósofo, que não conhece outros bens senão os deste mundo, que o doutor da voluptuosidade faça de pão e água o seu ordinário, para chegar ao soberano bem da vida, eis o que minha pouca inteligência não compreende de modo algum. Espanto-me de que não se situe a voluptuosidade de tal Epicuro na morte; pois, considerando-se a miséria de sua vida, seu bem soberano devia consistir em acabá-la” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 166). Tradução livre: “(...)

Ao chegarem ao último período da vida, eles reconheciam que era preciso contentar-se com cada dia vivido (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 192), e o conhecimento da filosofia de Epicuro fornecia uma forma de reconhecerem a potência da autonomia do indivíduo em face do passar dos anos e de suas lesões (DARMON, 1999, p. 338). Ao defender o prazer, a necessidade da busca pela alegria e pelo divertimento em vida, Saint-Évremond não estava defendendo uma volúpia desenfreada – e, mesmo que fosse, cada indivíduo teria o direito de vivê-lo –, mas um deleite mental e corporal que toma forma, na fase da velhice, na indolência e no recolhimento. Depois de vivenciar os prazeres intensos da juventude, Ninon mantinha-se tranquila na velhice, conforme o trecho em que descreve sua reclusão: “Eu estava sozinha no meu quarto, e muito fatigada da leitura, quando me disseram: aqui está um homem da parte de Monsieur de Saint-Évremond” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 183).²⁹ O homem em questão era o jovem genovês Turretini, que iria passar um período de seis meses em Paris e havia sido recomendado à Mademoiselle de Lenclos.

Deve-se vivenciar o presente, desfrutar do bem-estar e do repouso, assim como dos apetites, conforme Ninon confia a Saint-Évremond, propondo a busca de contentamentos diante dos esgotamentos que afligiam um corpo envelhecido:

Dizeis outrora que eu só morreria de reflexões; esforço-me por não mais fazê-las e por esquecer, no dia seguinte, o dia que hoje vivo. (...) Contudo, apega-se a um corpo miserável como a um corpo agradável: gosta-se de sentir o bem-estar e o repouso. O apetite é ainda uma coisa de que desfruto (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 200).³⁰

Conformar-se com a velhice, que exigia o repouso, não significava, para os correspondentes, uma ausência da vontade de viver, pelo contrário, eles queriam

celui des épicuriens un voluptueux immobile : le premier est dans les douleurs, sans douleurs ; le second goûte une volupté sans volupté. Quel sujet avait un philosophe qui ne croyait pas l'immortalité de l'âme, de mortifier ses sens ? Pourquoi mettre le divorce entre deux parties composées de même matière, qui devaient trouver leur avantage dans le concert et l'union de leurs plaisirs ? Je pardonne à nos religieux la triste singularité de ne manger que des herbes, dans la vue qu'ils ont d'acquiescer par là une éternelle félicité ; mais qu'un philosophe, qui ne connaît d'autres biens que ceux de ce monde ; que le docteur de la volupté se fasse un ordinaire de pain et d'eau, pour arriver au souverain bonheur de la vie ; c'est ce que mon peu d'intelligence ne comprend point. Je m'étonne qu'on n'établisse pas la volupté d'un tel Épicure dans la mort ; car à considérer la misère de sa vie, son souverain bien devait être à la finir”.

²⁹ Tradução livre: “J’étais dans ma chambre toute seule, et très lasse de lecture, lorsque l’on me dit : voilà un homme de la part de Monsieur de Saint-Évremond”.

³⁰ Tradução livre: Vous disiez autrefois que je ne mourrais que de réflexions ; je tâche à n’en plus faire et à oublier le lendemain le jour que je vis aujourd’hui. Tout le monde me dit que j’ai moins à me plaindre du temps qu’un autre. De quelque sorte que cela soit, qui m’aurait proposé une telle vie, je me serais pendue. Cependant on tient à un vilain corps comme à un corps agréable : on aime à sentir l’aise et le repos. L’appétit est quelque chose dont je jouis encore”.

experimentá-la da melhor forma possível, entregando-se à meditação, às conversas, aos apetites e recorrendo às palavras reconfortantes dos amigos queridos.³¹ Eles descrevem uma espécie de melancolia e, ao mesmo tempo, uma simpatia pela vida, por terem vivenciado o furor da juventude e, depois de velhos, se referirem às suas memórias:

Vós vos contenteis com o bem-estar e o repouso, depois de sentires o que há de mais vivo.
O espírito vos satisfaz, ou ao menos vos consola;
Mas preferir-se-ia viver jovem e louca,
E deixar os velhos isentos de paixões,
A triste gravidade de suas reflexões.
Não há ninguém que faça mais caso da juventude do que eu; como a ela já só me prendo pela lembrança, sigo vosso exemplo e acomodo-me ao presente o melhor que me é possível (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 202).³²

A reflexão sobre o corpo e o espírito trazia conforto, reconhecimento e um sentimento de aproximação, já que Ninon e Saint-Évremond reconheciam suas alegrias e tristezas nas palavras um do outro. Ao descreverem suas dores, apetites e prazeres, entre confortos e desconfortos, juntos eles sentiam e espelhavam-se por meio de suas experiências de vida. Atados por afeições e interesses em comum, o olhar que cada um oferecia ao outro por meio da escrita confirmava quem eram (DAUMAS, 2011, p. 138-139), o lugar que ocupavam no mundo, evitando um apagamento completo dos seus feitos nos espaços de sociabilidade que frequentavam com vigor.

A perspectiva positiva sobre os prazeres e o desejo por viver uma vida tranquila promoveriam o sentimento delicado de uma “alegria pura”, da fruição que poderia derivar dos momentos de reclusão e introspecção (DARMON, 1999), conforme a filosofia de Saint-Évremond. A sensação de experimentar uma dada alegria também poderia ser vivenciada diante da escrita e da espera da correspondência de alguém muito querido. Essa forma de comunicação abrandava a extensão dos dias e a pouca esperança que Ninon e Saint-Évremond tinham de, um dia, talvez, encontrarem-se antes do fim dos seus dias. Na ausência dessa possibilidade, suas correspondências os contentavam e

³¹ Saint-Évremond, por exemplo, também evidencia seu apetite aguçado: “Aos oitenta e oito anos, como ostras todas as manhãs; eu almoço bem, não ceio mal; fazem-se heróis por um mérito menos que o meu” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025 p. 195). Tradução livre: “À quatre-vingt huit ans, je mange des huîtres tous les matins ; je dîne bien, je ne soupe pas mal ; on fait des héros pour un moindre mérite que le mien”.

³² Tradução livre: “(...) vous vous contenterez de l’aise et du repos, après avoir senti ce qu’il y a de plus vif. L’esprit vous satisfait, ou du moins vous console ; / Mais on préférerait de vivre jeune et folle, / Et laisser aux vieillards exempts de passions / La triste gravité de leurs réflexions. Il n’y a personne qui fasse plus de cas de la jeunesse que moi ; comme je n’y tiens que par le souvenir, je suis votre exemple ; et m’accommode du présent le mieux qu’il m’est possible”.

poderiam, até mesmo, parar o tempo, conforme o sábio escreveu à amada amiga: “é preciso contentar-se em vos escrever algumas vezes, para manter uma amizade que resistiu à duração do tempo, ao afastamento dos lugares e à frieza ordinária da velhice. Está última palavra diz respeito a mim; a natureza começará por vós a mostrar que é possível não envelhecer” (LENCLOS; SAINT-ÉVREMOND, 2025, p. 182).³³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Combinando respeitabilidade e veneração, as cartas dos dois correspondentes aqui estudados revelam uma perspectiva valorosa de que, mesmo depois de mais velhos, uma mulher e um homem poderiam estabelecer e honrar as suas afeições e ideias. Subvertendo as regras, Ninon parece ter conquistado a respeitabilidade justamente quando alcançou uma idade avançada, o que poderia tê-la relegado à decadência e à desvalorização de suas convicções e sentimentos, mas a elevou e garantiu o seu reconhecimento como uma mulher de espírito e que prezava pela sua autonomia. Já Saint-Évremond também experimentou suas insurgências, pois, enquanto um libertino, ele não apenas se afeiçoou pela filosofia de Epicuro, como teceu desconfianças às religiões (TERNOIS, 1965), foi crítico de Mazarin (ROUSSILLON, 2018) e buscou vivenciar uma autonomia de corpo e de mente em um período de crescente repressão da ordem.

Ao se observarem os vestígios de sensibilidades que constituem a correspondência de Ninon e Saint-Évremond, este artigo buscou apresentar como as cartas da Época Moderna, mesmo constituindo um espaço múltiplo, semiprivado e semipúblico, viabilizaram a meditação dos agentes a respeito do que sentiam. Além de proporcionar o desenvolvimento de um vocabulário próprio, constituíram mais um meio de agência feminina e do estabelecimento do diálogo entre os sexos. Ainda que as cartas das personalidades aqui investigadas derivassem de uma conduta e de um jogo social que poderiam promover e garantir o reconhecimento posterior e a perpetuação do prestígio de suas figuras mediante os elogios do outro, elas deixam transparecer as subjetividades, as inquietações, as sensações, as dores e os amores que os correspondentes abordaram e representaram conjuntamente em suas missivas.

³³ Tradução livre: “Désespérer de vous voir jamais est ce qui me fait le plus de peine : il faut se contenter de vous écrire quelquefois, pour entretenir une amitié, qui a résisté à la longueur du temps, à l'éloignement des lieux, et à la froideur ordinaire de la vieillesse. Ce dernier mot me regarde ; la nature commencera par vous à faire voir qu'il est possible de ne vieillir pas”.

REFERÊNCIAS

- AGASSE, Jean-Michel. Une correspondance médicale au XVI^e siècle : les lettres de Girolamo Mercuriale à Joahann Krafft. In: DAUMAS, Maurice. **Variations autour du for privé**. Arts et correspondances. Pau: Puppa, 2014.
- ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Tradução Luiza Ribeiro. São Paulo: UNESP, 2014.
- AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada**, 3: da Renascença ao século das Luzes. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BERNIER, François. **Suite des mémoires du sieur Bernier sur l'empire du grand Mogol**. Paris: Claude Barbin, 1671.
- BERNIER, Myriam. **Ninon de Lenclos**. Une morale du désir. Paris: Classiques Garnier, 2025.
- BRET, Antoine. **Mémoires sur la vie de Mademoiselle de Lenclos**. Amsterdam: François Joly, 1770.
- BRUIX, Chevalier; TURBEN, François. **Le Conservateur ou Collection de morceaux rares, et d'ouvrages anciens, élagués, traduits et refaits, en tout ou en partie**. Paris: Lambert, 1758.
- BURKE, Peter. A República das Letras Europeia, 1500-2000. **Estudos Avançados**, v. 25, n.72, p. 277-288, 2011.
- CALLE, Delphine; ASSCHE, Astrid Van. **L'Amour et l'Amitié au Grand Siècle**. Paris: Classiques Garnier, 2022.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CHAUBAUD, Frédéric; DEFIOLLE, Rodolphe; VALETOPOULOS, Freiderikis (Dir.). **La palette des émotions: comprendre les affects en sciences humaines**. Renner: PUR, 2021.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções**: 1. Da Antiguidade à Luzes. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020.

- DAUMAS, Maurice. **La tendresse amoureuse: XVIe-XVIIIe siècles**. Paris: Perrin, 1996.
- DAUMAS, Maurice. **Des trésors d'amitié: de la Renaissance aux Lumières**. Paris: Armand Colin, 2011.
- DAUMAS, Maurice. L'amitié ostentatoire, XVIe-XVIIIe siècle. In: WALCH, Agnès (Éd.). **La Médiatisation de la vie privée XVe-XXe siècle**. Arras: Artois Presses Université, 2012.
- DAUMAS, Maurice. **Variations autour du for privé: art et correspondances**. Communications aux journées d'étude sur Les Écrits du for privé (2011-2012) réunies par Maurice Daumas. Pau: Presses de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour, 2014.
- DEJEAN, Joan. **Tender Geographies: Women and the Origins of the Novel in France**. New York: Columbia University of Press, 1991.
- DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13 e 18)**. Bauru: EDUSC, vol. 1. 2003.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DUCHÊNE, Roger. **Ninon de Lenclos ou la manière jolie de faire l'amour**. Paris: Fayard, 2000.
- DUGGAN, Anne E. **Salonnières, furies and fairies: the Politics of Gender and Cultural change in Absolutist France**. Newark: University of Delaware Press, 2005.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. V. 2. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- FREIDEL, Nathalie. **La conquête de l'intime**. Public et privé dans la Correspondance de Madame de Sévigné. Paris: Honoré Champion, 2009.
- FREIDEL, Nathalie. **Le temps des écrivaines: l'œuvre pionnière des épistolières au XVIIe siècle**. Paris: Classiques Garnier, 2022.
- GASSENDI, Pierre. **De vita et moribus Epicuri**. Lugduni, Guillelmum Barbier, 1647. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_vNvfaPI4HDAC/page/n3/mode/2up Acesso em: 17 fevereiro 2025.

GOLDSMITH, Elizabeth C. Fashioning Equality and Friendship: Saint-Evremond, Hortense Mancini and Ninon de Lenclos. In: CONROY, Derval (Ed.). **Towards an Equality of the Sexes in Early Modern France**. New York: Routledge, 2021, p. 135-151.

GRANDE, Nathalie. **Stratégies de romancières: de Clélie à La princesse de Clèves, 1654-1678**. Paris: Honoré Champion, 1999.

GRANDE, Nathalie. **Conteuses du XVIIe siècle**. Sexe, genre et contes de fées. Saint-Étienne: Presses universitaires de Saint-Étienne, 2024.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos**. Tradução Francis Petra Jansen. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

LALLEMAND, Marie-Gabrielle. Saint-Évremond et Ninon de Lenclos: correspondance. In:

GUELLOUZ, Suzanne. **Entre Baroque et Lumières: Saint-Évremond (1614-1703)**. Caen: Presses universitaires de Caen, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.puc.10196>

Acesso em: 14 março 2026.

LA MOTHE LE VAYER, François de. **Opuscules ou Petits traictez**. Paris: Antoine de Sommaville et Augustin Couré, 1644. Disponível em: <ark:/12148/bpt6k10403024> Acesso em: 12 de dezembro 2024.

LENCLOS, Ninon de. Correspondance authentique de Ninon de Lenclos. In: COLOMBEY, Emile. **Correspondance authentique de Ninon de Lenclos**. Genève: Slatkine, 1968.

LENCLOS, Ninon de; SAINT-ÉVREMOND, Charles de. **Lettres sur la vieillesse**. Ninon de Lenclos, Saint-Évremond par Sainte-Beuve, édition René Bonnet. Toulouse: Ombres, 2001.

LENCLOS, Ninon de; SAINT-ÉVREMOND, Charles de. Annexe II. Correspondance de Ninon de Lenclos et de Saint-Évremond. In: BERNIER, Myriam. **Ninon de Lenclos**. Une morale du désir. Paris: Classiques Garnier, 2025.

LE ROY, Claude. **Saint-Evremond: l'art du bien vivre**. Milon La Chapelle: Éditions H&D, 2013.

MUCHEMBLED, Robert. **L'invention de l'homme moderne**: culture et sensibilités em France du XVe au XVIIIe siècles. Paris: Hachette, 1994.

MUCHEMBLED, Robert. **História da violência**: do fim da Idade Média aos nossos dias. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MUCHEMBLED, Robert. **La civilisation des odeurs**: XVIe début XIX siècle. Paris: Belles lettres, 2017.

PÖLLÄ, Riikka-Maria. **Refashioning the Respectable Elite Woman in Louis XIV's Paris**. Madame de Sévigné & Ninon de Lenclos. Thesis (PhD in History) - University of Helsinki, Helsinki, 2017.

PREVOST, Aurélie. **L'amitié aux XVIe et XVIIe siècles en France**. Normes, réalités et représentations. Tome 1: Une étude. Thèse (Doctorat d'Histoire) - Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2011.

RIBARD, Dinah; SCHAPIRA, Nicolas. Commentaire de Dinah Ribard et Nicolas Schapira à la note critique de J.-P. Cavaillé. **Les Dossiers du Grihl**, n. 1-2, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/268> Acesso em: 20 junho 2025.

ROSELLINI, Michèle. Homosexualité et esprit fort dans la première moitié du xviii siècle: indices poétiques d'une « invisible affinité ». **Les Dossiers du Grihl**, n. 4, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3949> Acesso em: 12 dezembro 2024.

ROUSSILON, Marine. L'écriture et l'exil: autour des Œuvres meslées de Saint-Évremond. **Rabutinages**, p. 7-22, 2018. Disponível em: <https://hal.science/hal-01906622> Acesso em: 14 março 2026.

SAINT-ÉVREMOND, Charles de. **Oeuvres meslées de M. de Saint-Évremond, publiées sur les manuscrits de l'auteur par Silvestre et Desmaizeaux**. Londres: Tonson, 1705.

SAINT-ÉVREMOND, Charles. **Oeuvres meslées de Mr de Saint-Évremond**. Publiées sur les manuscrits de l'auteur. Seconde édition revue, corrigée & augmentée de la vie de l'auteur par Des Maizeaux. Tome 1. Londres: Jacob Tonson, 1709. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6553449b/f211.item.r=enclos> Acesso em 13 março 2026.

SAINT-ÉVREMOND, Charles de. **Oeuvres de M. de Saint-Évremond, avec la vie de l'auteur par M. des Maizeaux, membre de la Société Royale.** Nouvelle édition. Tome troisième, [s.n.], Paris, 1753.

SAINT-EVREMOND, Charles de. **OEuvres mêlées de Saint-Evremond.** Revues, annotées et précédées d'une histoire de l'avie et des ouvrages de l'auteur par Charles Giraud. T. 1. Paris: J. Leon Techener Fils, 1865.

SAINT-ÉVREMOND, Charles de. **Lettres.** Textes publiés avec introduction, notice et notes par René Ternois. Tome I. Paris: Marcel Didier, 1967.

SAINT-ÉVREMOND, Charles de. **Lettres.** Textes publiés avec introduction, notice et notes par René Ternois. Tome II. Paris: Marcel Didier, 1968.

SCHAPIRA, Nicolas. **Un professionnel des lettres au XVIIe siècle.** Valentin Conrart : une histoire sociale. Seyssel: Champ Vallon, 2003.

SCUDÉRY, Madeleine. **Clélie, histoire romaine.** Première partie. Paris: Augustin Courbé, 1654. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8707251g/f9.item.texteImage> Acesso em: 15 março 2026.

SORBIÈRE, Samuel. **De l'amitié.** Paris: Estienne Loyson, 1660. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65348341.texteImage> Acesso em: 06 junho 2026.

TALLEMANT DES RÉAUX. **Historiettes.** Paris: Bibliothèque de la Pléiade. Tome 2, 1961.

TERNOIS, René. En écoutant Saint-Évremond. **Revue d'Histoire littéraire de la France**, v. 60, n. 2, p. 165-176, 1960. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40521963> Acesso em 12 março 2026.

TERNOIS, René. Saint-Evremond devant la mort. **Saggi e ricerche di letteratura francese**, v. 5, 1965.

VERDIER, Gabrielle. Libertine, Philanthropist, Revolutionary: Ninon's Metamorphoses in the Age of the Enlightenment. In: **CONTINUUM: Problems in French Literature from the Late Renaissance to Early Elightenment.** Virginia: AMS Press, 1992, p. 101-147.

VERGÉ-FRANCESCHI, Michel. **Ninon de Lenclos: libertine du Grand Siècle.** Paris: Payot & Rivages, 2014.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório, ou, o trabalho de luto*. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: UNESP, 2010.

Recebido em: 18/03/2026
Parecer dado em: 18/05/2026



www.revistafenix.pro.br